

"CIDADANIA NÃO É COISA PRA GENTE" ¹

1. O presente trabalho constitui o capítulo IV de uma tese inédita de doutorado em História defendida na PUCSP com o título *Defesa da vida e cidadania: Experiências pastorais e políticas de moradores da Região Leste da cidade de São Paulo-1968/1994*

2. *Conclusões da Conferência de Puebla* (1979), nº 321-326

3. Pedro DEMO, *Cidadania menor: Algumas indicações quantitativas de nossa pobreza política*. Petrópolis, Vozes, 1992, p. 16.

1. INTRODUÇÃO

A pastoral social cristã deve lidar com indivíduos e grupos que segundo a visão latino-americana devem ser olhados como pessoas: gente que cresce no momento em que escolhe conscientemente². Desejosa de ter entre os cristãos uma visão de cidadania operante e transformadora, ela se preocupa com os obstáculos para essa libertação interna que é fundante de todas as outras libertações. Mas a cidadania não é apenas uma escolha interna: é uma situação ética de relações comunitárias. Existem fatores sociais que a facilitam e acontecem outros que a comprimem para que não apareça ou para que permaneça amordaçada.

Faz-se necessário que tratemos especificamente das situações que, impostas através de atividades globais, possam gerar verdadeiras *estratégias de obstaculização* à cidadania sem muitas serem avaliadas.

*A questão de cidadania está inserida nesta dinâmica. De um lado, o grupo dominante investe em estratégias de obstaculização, seja pela sonegação da educação, pela manutenção de currais eleitorais, pela organização partidária com base na influência econômica, no cultivo de 'dinastias políticas', seja pela persistência da pobreza material, que é apenas o outro lado da mesma medalha.*³

Essa noção abrangente de *estratégia de obstaculização* vai ser utilizada enquanto referência para a elucidação de algumas dificuldades enfrentadas e talvez superadas nas lutas empreendidas.

Não se trata de esgotar as possibilidades de obstáculos que podem ser encontrados no processo das lutas enfrentadas desde a participação nos primeiros movimentos sociais populares e na pastoral católica, até os momentos da conquista das reivindicações. O que se pretende, longe de ser um julgamento, é

captar na dinâmica das práticas alguns indicadores que nos permitam relacionar tais tentativas de superar obstáculos com a possibilidade do exercício da cidadania.

Quando se examina o percurso que uma parcela dos setores populares fizeram e fazem para alcançar condições dignas de vida, percebemos que é um processo árduo e percorrido em várias etapas. É uma conquista na qual as pessoas buscam traduzir no cotidiano a superação de uma série de barreiras pessoais e sociais e procuram instituir práticas que lhes permitam alcançar a cidadania. Cidadania neste caso significa a luta pela vida, com liberdade, dignidade e justiça.

*A bandeira de luta da cidadania plena deve ser transformar o cotidiano do trabalhador em algo bom, sob condições que respeitem a própria vida dando chance também à questão do desejo-identidade do indivíduo com as atividades que realiza.*⁴

Este processo árduo de superação cotidiana dos obstáculos envolve uma série de dificuldades, das mais diferenciadas, desde as de ordem pessoal até as de ordem estrutural. Aqui vamos examinar apenas algumas das muitas dificuldades que inter-relacionam aspectos pessoais, comunitários e sociais: a autodepreciação e o sentimento de incapacidade, a dicotomia grandes-pequenos, o abandono e a orfandade, o medo-impotência e a frustração, o desconhecimento da realidade e da passividade.

2. A AUTODEPRECIÇÃO E O SENTIMENTO DE INCAPACIDADE

*Olha, eu acho que essa divisão social a gente pode analisar de muitas maneiras. Eu acho que nós temos uma parte da população marginalizada, que eu não saberia dizer, quantificar essa coisa, mas eu acho que é a base, é uma população que não resolveu as necessidades básicas, uma população que não consegue ter as calorias necessárias, uma população que é o não-cidadão, sabe? Que é não-pessoa.*⁵

O depoimento do Pe. Ticão, coordenador da Pastoral da Terra da diocese de São Miguel Paulista, com a sua experiência de mais de 15 anos na organização da Pastoral, sobretudo em Ermelino Matarazzo, um dos bairros da Região Leste da Grande São Paulo que teve destacado nível da organização popular, constata a realidade de sobrevivência e subvida da maior parte da população pobre dos grandes centros urbanos. O depoimento revela duas constatações: *uma população que não consegue ter as calorias necessárias* e *uma população que é o não-cidadão, que é a não-pessoa*. No conhecimento desta realidade sabemos da carência básica de grande parte dos moradores da periferia: a fome. Na não-ingestão das calorias básicas está o

4. Maria de Lourdes Manzini COVRE, *O que é cidadania*. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1993, p. 73 (Primeiros Passos)

5. Padre Antonio Luiz Marchioni (P. Ticão), líder regional, cfr *Defesa da vida e cidadania*, v.2-3: Entrevistas.

impedimento para o tornar-se pessoa e cidadão. Para as pessoas que vivem nesta situação, não se trata de um episódio e sim da vida cotidiana, que pode gerar a autodepreciação e o sentimento de incapacidade.

A autodepreciação não é apenas uma manifestação momentânea de alguém que está passando por uma fase depressiva. É fruto de uma situação histórica experimentada na totalidade de suas relações e possibilidades. Este processo pode aos poucos instalar no indivíduo uma imagem de não-pessoa.

Formam-se arquétipos antro-psico-culturais, *que se instalam na consciência e principalmente no inconsciente e influenciam mentalidades, julgamentos, valores e procedimentos. Os arquétipos não pré-determinam as pessoas, mas podem favorecer ou bloquear a cidadania.*⁶

6. P. Juvenal ARDUINI, O que é preciso para ser cidadão?. Em *VIDA PASTORAL*, São Paulo, 35, nº 177 (1994, jul-ago), p. 5

Se de um lado essas imagens não pré-determinam as pessoas, é bem verdade que são matrizes e podem bloquear ou favorecer as pessoas, marcando-as por toda sua vida. O arquétipo da autodepreciação e o sentimento de incapacidade é chamado por J. Arduine de *arquétipo aristocrático-demófico*, e tem sua raiz histórica nas civilizações grega e romana: *Na Grécia e em Roma havia grande distância entre nobres e plebeus; os eupátridas em Atenas e os patrícios em Roma eram nobres que se distinguiam pela família, propriedades e culto religioso. E eram cidadãos. Em Roma, os clientes não eram cidadãos mas vassalos e a lei proibia que discordassem do 'pater' ou 'patrão'.*

7. *Ibidem*, p. 5.

Para uma pessoa que foi mergulhada em um tecido social que a desvaloriza e deprecia, o movimento da saída para a defesa da dignidade é um processo difícil. O Sr. Djalma Rissi, depois de ter feito seu depoimento, no qual foi sugerido que indicasse quais os passos para ajudar alguém que estivesse na subvida, confirmou tal dificuldade: *É difícil, viu, o que eu diria para essa pessoa? Olha, primeiro eu ia tentar ajudar, ia fazer o possível para levantar essa pessoa, porque só quem passou o que eu passei...mas eu posso dizer, eu não teria vergonha de dizer que eu comi o pão que o diabo amassou.*⁸

8. Djalma Rissi, cfr *Defesa da vida e cidadania*, v.2-3: Entrevistas.

A expressão *fazer o possível para levantar essa pessoa* pode indicar a consciência ou o conhecimento baseado na experiência própria, de alguém que esteve lá, caído, e que vê na solidariedade o caminho para alterar esta situação.

*Tem gente também que não aceita, não quer participar, quer continuar do jeito que está... fazer o que?*⁹ O depoimento de D^a Maria Aparecida Myiamoto, que no Movimento de Saúde e na pastoral buscou alterar a situação de desvalorização das pessoas, na conquista de melhores condições de saúde, constata que há pessoas que, negando-se a participar, escolhem a permanência da mesma situação de subvida.

9. D^a Aparecida de Barros Myiamoto, cfr o. c.

Mas não se trata de uma livre escolha entre opções, da cidadania de um lado e da subvida do outro. É uma submissão forçada e imposta, como nos lembra Simone Weil: *Submeter-se pela força é duro; deixar que acreditem que consentimos em nos submeter é demais. Hoje ninguém pode ignorar que aqueles a quem se deu nesta terra o papel de se desdobrarem, de se submeterem, de se calarem, curvam-se, submetem-se e só se calam na medida exata em que não podem fazer outra coisa.*¹⁰

Talvez existam pessoas que por um motivo ou outro não viverão a plenitude de sua cidadania, ou talvez jamais chegarão a sonhar com tal situação de vida. No entanto, as pessoas envolvidas nos Movimentos Sociais Populares e na pastoral católica são sinais vivos de tentativa de superação do lugar social a eles relegado. Da fome para a cidadania plena, o caminho é longo e árduo, mas eles mostram pela prática pastoral e política o seu inconformismo e vão contra a depreciação e incapacidade impostas..

3. A DICOTOMIA GRANDES-PEQUENOS

*O que eu sou hoje, eu devo a Deus, se é que eu sou alguma coisa, porque eu não sou nada neste mundo.*¹¹ *Deus me deu uma graça, me comunicar o certo e o errado, não sei se respondo à altura, às pessoas que me procuram, que conversam comigo, eu não sei como eu respondo, porque eu não tenho cultura.*¹² *Eu me considerava muito pequena e inferior. A gente vem do interior, tem na cabeça da gente, eu sou uma pessoa pobre, uma pessoa que tem pouca cultura, uma pessoa inferior.*¹³

Pobre e rico, pequeno e grande, são palavras fortes do cotidiano que revelam a experiência social vivida pelas pessoas. Revelam tanto uma situação social quanto um lugar no espaço geográfico da cidade. É o que explica o *nós aqui, pobres, e eles lá, os ricos*. Há um uso exagerado destas expressões dicotômicas que indicam para as pessoas mais pobres uma explicação satisfatória de sua condição social e da sua desvantagem econômico-social-política em relação aos “outros”, os ricos, os que podem, enfim, “os grandes”. Nas referências à própria vida ou à condição periférica dos que lutam pela vida digna, sempre se utiliza o *ser pobre* ou *ser rico* para indicar uma situação social, às vezes, para os pobres, fruto de uma seleção *natural*.

Para Caldeira, que trabalhou com entrevistados da Região Leste, ao se deparar com a condição social das pessoas do Jardim das Camélias, interpreta assim a questão dos “pobres” e “ricos”: *Essas palavras podem ser insuficientes para se estabelecer a posição social em que se está e é imprescindível qualificá-las. Há, assim, pelo menos duas maneiras de empregar a dicotomia pobre/*

10. S. WEIL, “Diário de fábrica”. Em Ecléa BOSI (org.). *A condição operário e outros estudos sobre a obressão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 110.

11. D^a Maria de Lourdes Gonçalves de Barros (D^a Lu), cfr Defessa da vida e cidadania, v. 2-3: Entrevistas.

12. Ibidem

13. D^a Maria Helena Martins de Oliveira, cfr o.c.

14. Tereza Pires do Rio CALDEIRA. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 194, pp. 150-151.

15. *Ibidem*, p. 153.

16. *Ibidem* p. 153.

17. Elizabete Costa Dantas, *cf* *Defesa da vida e cidadania*, v.2-3: Entrevistas.

*rico: uma consiste em usar apenas as duas palavras para estabelecer uma posição entre os grupos que elas nomeiam: a outra, em agregar adjetivos e advérbios de modo a criar matizes e estabelecer diferenças dentro de cada um dos grupos.*¹⁴

Nos depoimentos de D^a Lu e de D^a Maria Helena elencados anteriormente, podemos perceber a questão dos pequenos-grandes, ampliando do campo econômico para o político e sócio-cultural, conforme vemos nos fragmentos a seguir: para D^a Lu, *eu não sou nada neste mundo e eu não tenho cultura*, para D^a Maria Helena, *eu me considerava pequena e inferior e eu sou uma pessoa pobre, uma pessoa que tem pouca cultura, uma pessoa muito inferior*.

Nessa compreensão ampliada, onde pobre é pequeno, sem cultura e inferior, pode-se entrever uma experiência de vida que obstaculiza o processo de cidadania nas camadas populares.

Caldeira registra o seguinte depoimento: *o pobre existe no mundo porque é teimoso: se pobre compreendesse, ele nunca nascia: antes de nascer ele já tava morrendo: o pobre nasceu para sofrer.*¹⁵

É como se o futuro já estivesse traçado: para *eles, os ricos*, uma vida boa e fácil e, para *nós os pobres*, sofrimento, uma fatalidade irreparável. A complexidade do universo social não pode ser reduzida de modo tão simples assim; no entanto, na ambigüidade que pode apresentar, sugere um outro tipo de valorização.

*O que pode mudar são as valorizações, ou seja, uma hora o que é rico é positivo, outra hora é negativo, ocorrendo sempre o inverso com o pobre. Os ricos têm bens materiais (positivo), os pobres, não (negativo); os ricos não precisam trabalhar (positivo), os pobres, sim (negativo); muitos acham que os ricos têm sorte (positivo), e os pobres não (negativo).*¹⁶

A compreensão da própria realidade como *sem cultura, pequeno e inferior* provoca uma separação e um isolamento social que dificulta para os pobres a ultrapassagem dos níveis de subvida para alcançar a cidadania, na verdade impossibilitando até que consigam adquirir tal possibilidade. Essa autocompreensão não se limita às próprias pessoas pesquisadas, como podemos perceber na fala de algumas lideranças e assessorias que trabalham no meio popular. Para Elizabete Costa Dantas, assessora de educação popular na Região Leste, esta autocompreensão pode ter sido também introjetada por um certo tipo de líderes que trabalha junto à população: *A maioria da população não é capaz de decidir, pois sempre foram conduzidas por grupos que decidiram e pensaram sozinhos... tornando o povo objeto e não sujeito da sua própria história.*¹⁷

A maneira como alguns movimentos populares vão sendo formados indica a visão que estes grupos têm das pessoas da periferia. Para alguns que se auto-intitulavam *vanguarda*, o “povo”

é mesmo incapaz de decidir, cabendo-lhes apenas seguir os passos dos *grandes*. Na verdade, essa colaboração base-assessor pode ser constituída da forma democrática, gerando um mútuo aprendizado. Para o médico sanitarista Carlos Neder, refletindo sobre o início do seu processo de aproximação com os setores populares, a compreensão do que seja a realidade social de aproximação com os setores populares, a compreensão do que seja a realidade social foi mais completa do que se poderia pensar:

Ele confessa: *gradativamente nós fomos percebendo alguns problemas nesse tipo de experiência. A gente começou a perceber que o bairro não era tão homogêneo como a gente imaginava, quer dizer que, dentro do próprio bairro, você tinha uma estratificação social e que, de certa forma, reproduzia-se a estratificação da sociedade com um todo. O setor marginalizado dentro da favela e o pessoal da favela dentro do pessoal do bairro, eram preocupação do Pe. Humberto. Essa preocupação que nos parecia justa, era uma forma de desenvolver um trabalho que chegasse a esses setores mais necessitados no meio dos necessitados.*¹⁸

18. Carlos Neder, cfr o. c.

Vê-se que, embora seja envolvida por um feixe maior de relações, a dicotomia *grandes-pequenos* na periferia torna-se mais complexa para o observador e mais perversa para os setores subalternos; no caso dos moradores das favelas do Jardim Nordeste, aqui referidos, poderíamos identifica-los como os subalternos dos moradores dos bairros da periferia.

Através das reivindicações nos bairros e da solidariedade de pessoas que não vivem no mesmo lugar social, essas pessoas podem alterar as condições perversas em que vivem, na medida em que tomam consciência de sua realidade e se engajam em iniciativas pessoais e coletivas que os constituem defensores dos próprios interesses.

No entanto, esta não é a maneira encontrada por todos os que vivem as mesmas condições. Já nos referimos às palavras de D^a Maria Aparecida Myiamoto, quando afirmava que há pessoas que parecem aceitar a permanência nessa situação, citado por Simone Weil, para quem não se trata de uma escolha feita entre várias possibilidades, mas sim em viver a única condição possível. É claro que ambas as afirmações são lados da mesma realidade e revelam uma organização social perversa, que procura dissimular suas próprias contradições e se beneficiar dos setores populares que se mantêm apáticos.

Por isso mesmo, ao depreciar a própria vida e condição de pobreza é como se acrescentasse mais uma densa camada de obstáculos entre a situação de exclusão e a possibilidade de cidadania. Mas, ao tomar consciência dos mecanismos de exclusão e se engajar nos movimentos sociais populares e na pastoral católica, o mesmo “pequeno” ou “inferior” pode superar a exclusão.

Na noção dos dois lados, como veremos na fala a seguir, fica indicada a percepção dessas contradições, podendo contribuir para que as pessoas marginalizadas socialmente descubram criticamente o seu lugar social e defendam os seus interesses.

*Isso dos dois lados (diz Zuleide) ficou muito marcado na minha cabeça na primeira vez que nós fomos na Secretaria de Saúde, né? Foi lá que eu descobri que existia os dois lados. Foi um negócio sério (...) Quem está do lado do governo não se interessa pela população e pelo povo mesmo.*¹⁹

19. *Que história é essa?* Conselhos comunitários. URPLAN-PUC, São Paulo: nº 1 (1984, out) nº 9, p. 42.

20. E.P.THOMPSON, "A formação da classe operária inglesa". Em *A árvore da liberdade*. 2 ed. São Paulo, Paz e Terra, 19887, pp. 9-10.

Se concordarmos com E. P. Thompson²⁰ que (...) a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica. Como qualquer outra relação, é algo fluido que escapa à análise ao tentarmos imobilizá-la num dado momento e dissecar sua estrutura que (...) a relação precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais e que (...) a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam identidades de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus, talvez pudéssemos perceber no processo vivido por essas pessoas indicações que explicitem alguns elementos da experiência de classe social vivida nos setores populares, engajados nos movimentos sociais populares e na pastoral católica.

4. O ABANDONO E A ORFANDADE

*O "benfeitor" é figura arquetípica guardada na mentalidade brasileira. Há "benfeitor" para tudo. E a gratidão aos benfeitores mantém a população dependente e órfã.*²¹

21. Pe. Juvenal ARDUINI, O que é preciso para ser cidadão?. Em *VIDA PASTORAL*, São Paulo, 35, nº 177 (1994, jul-ago), p. 6.

D^a Pia Teresa de Sousa Araújo, antes de iniciar sua lutas para remover um lixão no Jardim das Camélias, revela que se sentia sem nenhum entendimento em relação à situação em que vivia e que não deveria tomar nenhuma iniciativa, já que a autoridade o faria: *Não compreendia, tanto fazia morar no asfalto como na terra, entendia assim, que com o tempo os governantes iam tomar providências, não precisava que a gente fosse tomar a iniciativa.*²²

22. cfr *Defesa da vida e cidadania*, v.2-3: Entrevistas.

A mesma postura diante do governo, como benfeitor que deve cuidar das necessidades das pessoas, principalmente dos pobres, tem a D^a Maria Helena Martins de Oliveira que no seu depoimento vai apontar uma desconfiança do benfeitor, revelando o tipo de relação que o "protetor" tem com seus "apadrinhados": *Se você ficar calado, se você não procurar os seus direitos, o governo não vai te dar nada, porque ele não se importa muito com o povo.*²³

23. cfr o. c.

A superação desta visão de dependência pode levar a pessoa a um salto qualitativo em sua vida pessoal e social. O sentimento de abandono e orfandade social é fruto do tipo de organização social que, ao estabelecer como natural a segregação social, divi-

de, de um lado, benfeitores e, do outro, aqueles que sofrem da orfandade psíquica, social, política, econômica e antropológica.

Não é apenas uma análise abstrata, são facetas de uma mesma realidade, de tal forma profunda que pode levar as *peessoas à impotência e a um sentimento de impossibilidade de se constituir, de chegar à conclusão que sua única saída é buscar os chamados protetores.*

Pode-se notar também em outras camadas sociais alguns procedimentos que são resquícios do *apadrinhamento colonial*, quando se necessita da *apresentação especial* para se conseguir alguma posição social ou um emprego.

É como se tratasse de uma multidão de pessoas sem possibilidade de ter direito a constituir-se como pessoas livres para se estabelecerem econômica, política, social e psicologicamente: *Quantos políticos a gente via no passado, pessoas boas que hoje estão afastadas, (...) pessoas militantes que hoje não se vê mais, então tudo isso fez com que as portas não fecharam, mas quase ninguém quer entrar, é assim que estou vendo as coisas.*²⁴

24. Djalma Rissi, cfr. o.c.

O depoimento acima coloca em questão a crença na organização social e política, onde o voto às vezes não significa exercício livre de cidadania, mas um meio de aumentar a desconfiança das pessoas após cada eleição, em que os políticos e até os “bons”, desaparecem e negam a parceria com o eleitor na alteração da realidade social injusta.

Quando a crença em si e em suas instituições fica abalada, está ameaçado o bem maior das pessoas pobres: a esperança. *(...) a gente constata no povo a esperança, como o ditado popular, só ainda não se perdeu a esperança porque ainda ninguém morreu; quem está vivo espera, mas realmente, para mim que trabalha em fábrica, ando de ônibus, sei a conversa do dia-a-dia, eu vejo essa constatação: realmente ninguém acredita em mais ninguém. Só se vê falar “não tem mais jeito, vai votar em quem? Vai acreditar em quem?” É isso que a gente vê.*²⁵

25. Ibidem

O primeiro alvo da esperança ameaçada é a crença em si mesmo e em suas iniciativas coletivas. O *pai dos pobres*, o *apadrinhamento*, o *benfeitor*, os *tutores* são nomes diferentes da dependência, que impedem a maturidade e o existir por si com os outros. No contato com as organizações populares e nas entrevistas pôde-se compreender o significado do sentir-se como gente e da importância da primeira vez em que se usou a palavra em uma reunião. Para o Sr. Antônio, a superação desta situação de dependência está em descobrir-se como ser humano, e a maneira para isso acontecer é a solidariedade coletiva.

Eu tenho uma coisa que eu dizia, nós vivemos em uma cidade grande, perdidos no meio das pessoas. O homem virou um número dentro da sociedade, mas ele mesmo não consegue sair,

*então ele vive perdido sem o que fazer. Tem gente que não descobriu que é gente ainda porque, se o ser humano soubesse que fosse gente mesmo, ele não faria o mal para o outro semelhante. A primeira descoberta que eu acho na história da evolução do homem foi que ele descobriu que é gente.*²⁶

26. Antonio José Lopes, cfr o.c.

A fala acima nos oferece elementos importantes como: a cidade grande, perdidos no meio das pessoas, a impessoalidade que faz das pessoas números, a inconsciência e ignorância da sociedade em que vive e o fruto de todo este processo; não saber o que fazer e não saber da sua dignidade como gente.

A relação protetores-abandonados não passa de mais outra forma de mascarar uma realidade social que estabelece distanciamento, estranheza e alienação entre pessoas pobres e o mundo em que vivem e, entre as pessoas, indiferença e falta de solidariedade humana: *Opressores e oprimidos, a noção de classes, tudo isso está muito perto de perder toda significação, de tal modo são evidentes a impotência e a angústia de todos os homens diante da máquina social que se transformou em uma máquina de partir corações, de esmagar espíritos, uma máquina de fabricar inconsciência, tolice, corrupção, desfibramento e sobretudo vertigem. A razão desse doloroso estado de coisas é bem clara. Vivemos num mundo onde nada está na medida do homem; há uma desproporção monstruosa entre o corpo do homem, o espírito do homem e as coisas que constituem atualmente os elementos da vida humana; tudo é desequilíbrio.*²⁷

27. S. WEIL, "Diário de fábrica". Em Ecléa BOSI (org.). *A condição operário e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 293-4.

5. O MEDO, A IMPOTÊNCIA E A FRUSTRAÇÃO

Platão nos lembra que *antes que os ricos recorram às armas, já os pobres se lhes submetem pelo temor*. Certos testemunhos ouvidos confirmam seu dito:

*Teve época que fizemos reunião com portas fechadas, com uma pessoa de guarda para ver se não tinha perigo, era depois de 1968. Já tinha tido várias pessoas presas.*²⁸ *Eu fiquei com muito medo da polícia e do meu marido; eu já tinha a minha filha, voltei para a casa, deixei a Camila e voltei para a casa da reunião, e todas as mulheres estavam reunidas, todas como medo.*²⁹ *Agora tinha pressão do pessoal da Prefeitura, que até jogava caminhões em cima de nós.*³⁰

28. D^a Zulmira Galvão Alvarenga, cfr *Defesa da vida e cidadania*, v.2-3: Entrevistas.

29. D^a Angelina dos Reis Camilo, cfr o.c.

30. Ibidem

*Quando a gente se envolve com o Movimento, então a gente fica marcada e conhecida, e tem pessoas que têm medo de pegar alguém da família. A gente mexe com todo tipo de pessoa, com bandido, político, com poderosos, e tem gente que sabe, se pisar no calinho deles, eles, ficam ameaçando a gente, ah! Não se preocupe, não, seu dia vai chegar!*³¹ *Muita gente desanima por causa de algum cambalacho que sempre e infelizmente tem em to-*

31. D^a Mercedes de Castro Rodrigues, o.c.

dos os lugares, mas se tiver objetivo que vai sair, se tiver confiança na liderança, eles não desanimam nós.³² A sociedade, às vezes a própria TV, oprime muito a pessoa, deixa o povo paralisado, às vezes mesmo que queira, qualquer coisa já atrapalha. Tem a TV, a família, medo do que o vizinho vai falar, então isto vai oprimindo a pessoa.³³

O medo, a submissão, a frustração e a impotência são fortes entraves para a autonomia pessoal e coletiva dos moradores da periferia. A submissão introjetada favorece duplamente os que estão no centro do poder econômico, social, político e cultural: de um lado pela permanência da dominação e do outro por facilitá-la na medida em que não precisa utilizar outros recursos, tal como a pressão violenta.

Inúmeros depoimentos, como os já referidos, dão conta de vários tipos de medo ou temor: em alguns depoimentos aparecem o período histórico brasileiro, o da ditadura militar, que fazia uso da repressão policial; outros depoimentos localizam o medo no início das atividades junto aos movimentos sociais, medo dos vizinhos, do marido e de falar; por fim, o depoimento de D^a. Mercedes de Castro Rodrigues, que fala do medo ainda presente na sua atuação nos Movimentos Sociais: *Então as pessoas têm medo, tá vendo que vai se envolver, é por isso que tem medo de estar participando.*³⁴

Estas pessoas, na sua experiência pastoral e política, localizam, vários obstáculos utilizados contra sua organização popular: temor, perigo, pressão, ameaça de prisão, polícia, pressão do marido e da família e discriminação dos vizinhos, entre outros. Estas circunstâncias podem introjetar nas pessoas marcas e impressões que os fragilizam e enfraquecem suas possibilidades de conquistar a cidadania.

A expressão de D. Maria Helena Martins de Oliveira, ao afirmar que *a sociedade, às vezes a própria TV, oprime muito a pessoa, deixa o povo paralisado*, é uma síntese do que é capaz de operar na consciência e na vida das pessoas este processo de amedrontamento pessoal e coletivo. O mesmo medo que se interpõe entre as pessoas pobres e a cidadania é o medo da fome, de ficar desempregado, de ser despejado, de represálias, do extermínio. Para J. Arduini, *o medo dobra psiquicamente o ser humano que não tem alternativa para sobreviver. Como poderiam reivindicar direitos os brasileiros humilhados que estendem as mãos para receber migalhas?*³⁵

Essa é precisamente a ação do medo que causa impotência e frustra, dobra a própria consciência impedindo os cidadãos de conhecer e assumir as raízes do medo real, ou seja, o saber-se o objeto das estruturas que se beneficiam da ignorância de suas privações econômicas, políticas, sociais e culturais. Passa por ai

32. Ibidem

33. D^a Maria Helena Martins de Oliveira, o.c.

34. D^a Mercedes de Castro Rodrigues, o.c.

35. P. Juvenal ARDUINI. O que é preciso para ser cidadão?. Em *VIDA PASTORAL*, São Paulo, 35, nº 177 (1994, jul-ago), p. 8

36. C. A. CASTORIADIS. *Instituição imaginária da sociedade* Trad. Guy Reynand. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, pp. 27-8.

o processo de desamedrontar-se. Esse processo não é evidente na vida das pessoas e ninguém se confessa medroso, frustrado ou impotente; os depoimentos se referem a experiências de pessoas que já superaram o medo ou refletem a experiência dos outros.

Não se trata também de centrar a atenção apenas nos aspectos psíquicos, mas de vê-los no conjunto das relações que determinam a existência das pessoas. O conjunto dessas relações pode ser compreendido como opressão do indivíduo na sociedade e pela exploração do homem pelo homem, acrescido pelos processos de dissimulação do real que coisifica as pessoas.

*O capitalismo só pode funcionar com a contribuição constante da atividade propriamente humana de seus subjugadores que, ao mesmo tempo, tenta reduzir e desumanizar o mais possível. Ele só pode funcionar na medida em que sua tendência profunda, que é efetivamente a reificação, não se realiza, na medida em que suas normas são constantemente combatidas em sua aplicação. A análise mostra que é aí que reside a contradição final do capitalismo, e não nas incompatibilidades, de certo modo mecânicas, que apresentaria a gravitação econômica das moléculas humanas no sistema. Estas incompatibilidades, na medida em que ultrapassam fenômenos particulares e localizados, são finalmente ilusórias.*³⁷

37. Maria de Lourdes Gonçalves de Barros, cfr *Defesa da vida e cidadania*, v.2-3: Entrevistas.

6. O DESCONHECIMENTO DA REALIDADE E DA PASSIVIDADE

*Olha, Geraldo, eu sou tão 'crua' para essas coisas, minha cabeça é de um jeito, que o padre termina de ler o Evangelho e se perguntar que Evangelho é aquele eu não me lembro. Eu era que nem um bicho do mato, um animal... Ele (Deus) me deu uma graça, me comunicar o certo e o errado, não sei se respondo à altura às pessoas que me procuram, que conversam comigo, eu não sei como eu respondo porque eu não tenho cultura.*³⁸

38. Maria Helena Martins de Oliveira, cfr o.c.

*A gente vem do interior, tem na cabeça da gente, eu sou uma pessoa, uma pobre, uma pessoa que tem pouca cultura, uma pessoa muito inferior. Quando eu cheguei aqui achava que eu não era nada, eu não tinha cabeça...eu era muito tímida.*³⁹

39. D^a Pia Tereza de Souza Araújo, cfr o.c.

*...Antes eu não participava de comunidade e não entendia de nada. Naquela época (1965) que eu cheguei, eu praticamente quase nem falava...pensava que tudo o que estava falando estava errado, quando eu cheguei nem na padaria eu queria ir, porque tinha vergonha de comprar pão, porque não sabia como chamava o pão.*⁴⁰

40. D^a Mercedes de Castro Rodrigues, cfr o.c.

Eu acho que o povo está um pouco acomodado...está faltando união, entendimento, a gente chama o pessoal, não estão nem aí. A gente percebe que o pessoal se acomodou mesmo, eu não sei se a pessoa, a religião que faz falta na vida dela, e faz mesmo, que eles estão muito acomodados, a maioria só pensa em futebol, o

*pouco dinheiro que tem, eles ficam alcoolizados, maltratam a esposa e os filhos, e daí para frente. A gente tenta levantar, mas não sei, acho que só com a bênção de Deus que eles vão se libertar.*⁴¹

41. Antonio José Lopes, cfr o.c.

*Se a pessoa nunca encontrou uma outra que convidasse, ela vive na sociedade, mas como alguém que nunca teve um conhecimento, se ele não teve oportunidade de ter conhecimento, como vai descobrir a realidade e participar? ...quando eles vêm para a cidade, eles sempre se perdem, não vão na Igreja, não tem tempo, a televisão não deixa. Uma coisa é ele acreditar nele mesmo, acreditar que ele é capaz, ele vai descobrir na medida que vai tentando...*⁴²

42. D^a Maria Aparecida de Barros Myiamoto, cfr o.c.

*Dificuldades tinha, até a gente se expressar, porque não tinha, assim, conhecimento nenhum. Não enxergam... não conseguem enxergar. Não entendem porque às vezes assim, quantas vezes, pessoas que a agente conversa, que não tem nada na cabeça. Porque a pessoa que adquirir um conhecimento ela pára. Pára por um certo tempo, depois ela volta outra vez.*⁴³

43. Pe. Antonio Luiz Marchioni (Pe. Ticão), cfr o.c.

*É complicadíssimo você trabalhar com uma população pobre, que não tem um nível educacional. Você fala dez vezes, são pessoas que assimilaram uma série de leis da elite dominante, quer dizer, é complicadíssimo você trabalhar com uma população marginalizada, que não conseguiu alcançar um nível mínimo de educação.*⁴⁴

44. José Alvaro MOISÉS et alii. *Alternativas populares da democracia: Brasil anos 80*. Petrópolis, Vozes, 1982, p. 57.

O desconhecimento que gera a passividade é um dos aspectos que revela a fragilidade dos Movimentos Sociais Populares nas grandes periferias urbanas. Há o antagonismo entre as mudanças rápidas dos processos que envolvem a vida urbana, — informação, educação, alterações espaciais, os códigos de compreensão lingüística na comunicação de massa etc. — de um lado, e, do outro, a posição de desvantagem dos setores populares, que não conseguem acompanhar a velocidade das mudanças urbanas; aliás, pior, já de saída são alijados de qualquer possibilidade de se integrarem no mercado de consumo dos bens coletivos mínimos para a sobrevivência civilizada no meio urbano.

A experiência periférica revelada nos depoimentos mostra-nos a visão, ainda que fragmentada, de uma realidade que os exclui da conquista da cidadania. São entraves no nível da compreensão da realidade em que vivem, impedindo-os de atuarem em sua transformação.

As explicações contidas nesses depoimentos referem-se a um aspecto muito caro aos movimentos sociais populares e à pastoral católica: o processo de conscientização. Os fragmentos citados referem-se às experiências de pessoas que passaram por esse processo antes de participarem ativamente de um movimento social popular ou de algum grupo da pastoral católica, de pessoas refletindo o mesmo processo vivido por outras, e terceiro, por pessoas que, não tendo vivido as mes-

mas condições sócio-econômicas, trabalham com as mesmas e analisam o processo de conscientização em questão. A conscientização vivida pelos movimentos sociais populares e por grupos da pastoral católica teve como base, em primeiro lugar, a reflexão sobre a realidade, a leitura de relatórios, a pesquisa participante, em que a própria população recolhe dados sobre sua vida e detecta os seus principais problemas sociais. Seguiu-se uma interpretação, que no caso da pastoral tinha como referência a Bíblia, para depois buscar as saídas para alterar esses problemas, na conquista da justiça e da liberdade.

O processo não se modificava muito nos movimentos sociais populares. A pedagogia era desenvolvida no sentido de *visualizar que a principal relação social compreendida seja a existente entre opressor e oprimido*.⁴⁵

Embora houvesse questionamento sobre esse tipo de simplificação, que a sociedade seja dividida basicamente entre opressores e oprimidos, em lados distintos e inseparáveis, era o primeiro passo a ser dado, como pudemos perceber em alguns depoimentos dessa pesquisa. As percepções que recolhemos dão-nos conta de que, em um dado momento de suas vidas, as pessoas, hoje militantes, sequer percebiam essa relação de opressores e oprimidos. Sem dúvida, portanto, percebê-la significou um salto qualitativo em seu processo de educação política.

*Pe. Geraldo Antonio Rodrigues
Coordenador da Pastoral
Diocese de São Miguel Paulista, SP*